

A INFÂNCIA NAS OBRAS DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA

REDDIG¹, Amalhe Baesso – UNESC – abr@unesc.net

GE: Educação e Arte / n.01

Agência Financiadora: Sem Financiamento

Museus e arte

As obras num museu de arte são expressões do contexto cultural que aquele espaço abarca. Se entendermos que não há neutralidade nas escolhas que fazemos em nosso cotidiano, perceberemos que também o museu e seu acervo não são neutros.

Decorre disso que há uma intencionalidade e um diálogo a se estabelecer com cada peça e o olhar de cada espectador. O silêncio nesse espaço chama para o diálogo mesmo que mudo, sem palavras.

Leite (2005, p. 22), ao se referir à arte, a conceitua como um “sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento; uma forma particular de ver e expressar o mundo, que atua como uma reação emocional e conceitual à vida”. Essa mesma autora confirma que as muitas linguagens artísticas são possíveis de estarem nos museus de arte – além das mais usualmente presentes, bi/tridimensionais, também outros e novos códigos culturais precisam estar nos museus. Ela está se referindo a uma idéia de museu que pode incluir “... teatro, música, dança, desenhos, cinema, expressão corporal, fotografias, esculturas etc., levando em conta que diferentes linguagens expressam-se de forma singular com seus veículos próprios de significação” (idem, p. 20). Com isso, entendo que arte é mais que um conceito, é conhecimento, é vida, é movimento, sensibilidade, cultura e que o museu de arte “é um campo privilegiado da experiência estética” (ibidem, p. 23).

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC/SC. Programa de Pós-Graduação em Educação/Linha de Pesquisa: Educação, Linguagem e Memória. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Isabel Ferraz Pereira Leite; Pesquisadora do GEDEST – Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Estética; Professora no Curso de Artes Visuais da UNESC.

Esse campo solicita nosso olhar para as obras e nessa ação aciona lembranças, experiências vividas, mas também aviva a nossa imaginação. Solicito Calvino (1990, p. 138) para me ajudar a entender e aqui dizer:

Quem somos nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras.

Somos esse complexo de pensamentos, sentimentos e experiências que, com a contribuição da arte e da cultura, nos constituímos humanos com identidades distintas e com a possibilidade de identificações, em maior ou menor grau, com as mais diversas culturas e/ou cultura.

Os museus de arte e suas obras, e também museus outros, nos envolvem e nos tiram de nosso eixo, conforme ensina Ostetto (2005, p. 149), que, ao visitar um espaço museológico de arte, chega a dizer: “a arte pode levar-nos até onde nosso controle perde o domínio. Basta querer, deixar-se tomar pelo convite da obra – a imagem está sempre nos chamando”.

Entretanto, nem sempre foi assim. O que hoje está para a grande massa já foi privilégio somente dos poderosos. Vasconcellos (2006, p. 17) registra que “as galerias de arte encomendadas pelos monarcas, príncipes e papas para suas residências acabaram dando origem aos museus de belas-artes”. Conforme o autor, o primeiro museu público europeu foi o Ashmolean Museum, de Oxford, na Inglaterra, e foi inaugurado em 1683.

No Brasil, segundo ainda Vasconcellos (p. 22):

Os mais antigos museus foram os da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro que surgiu em 1815 como Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios e o Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1818 como Museu Real, ambas iniciativas de D. João VI.

Mesmo na grande metrópole chamada São Paulo, a existência de museus de arte é recente. “Apesar de a Pinacoteca do Estado ter surgido no início do século passado, foram o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Moderna

(MAM), ambos criados no final da década de 40, que trouxeram as artes plásticas para o cotidiano cultural da cidade” (idem, p. 53).

Agora me pego a pensar nos muitos museus que já visitei e nas imagens que carrego no meu museu mental. Em especial venho pensando no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) e nas obras que indicam a representação da infância naquele espaço. É esse o recorte que faço e apresento dados de pesquisa sobre o acervo iconográfico do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC).

Como afirma Jorge Coli: “Diante de qualquer obra o olhar que interroga é sempre mais fecundo do que o olhar que define”. Nesse texto não pretendo definir as obras mas, pensar questões que nos leve a refletir a infância nas tantas obras de arte e para esse fim alinhavo escritos sobre o tema.

Infância

Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem compartimentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Manoel de Barros

Com o objetivo de me aproximar do tema de minha pesquisa sobre a infância, busco literatura afim e percebo que circulam muitos e infundáveis discursos sobre esse ser por tantos nomes chamado – bebê, criança, filhote, infante, baixinho, e que está no centro das preocupações educacionais, acadêmicas, paternas e maternas, médicas, governamentais, publicitárias e midiáticas do nosso tempo.

Estudiosos da infância na contemporaneidade enfatizam as grandes mudanças no seu significado, engendradas, justamente, pelas transformações

tecnológicas e econômicas pelas quais toda a humanidade está passando e sobre as quais o fator globalização faz resultar as chamadas identidades multifacetadas e descentradas. As mensagens midiáticas determinam as formas de ver o mundo e espetacularizar a própria vida, seja de crianças ou de adultos. Hoje, ser criança é algo que se complexifica na medida em que a infância é uma construção social e somente pode ser compreendida a partir das mudanças das sociedades.

Os estudos de Philippe Ariès (1981), historiador francês, assinalam o surgimento tardio do “sentimento de infância”, ou seja, da consciência de que a criança é diferente do adulto. Argumenta que não existe “a” infância, que ela não esteve desde sempre aí, de um mesmo e constante modo. Assim, o conceito de infância é determinado historicamente de acordo com as modificações sofridas pela sociedade. Isto implica que a concepção de infância como uma categoria única e permanente não é possível, uma vez que está sempre relacionada ao local, ao momento, e aos atores sociais.

O autor esclarece como o “ser criança” veio sendo constituído ao longo do tempo. Segundo ele, a criança medieval era comumente comparada a um delicado e querido bicho de estimação. A morte de crianças pequenas era fato corriqueiro, fosse por falta de higiene, por doenças, pela fome ou por causa das intempéries. Sofria-se com tal perda, mas tratava-se de um episódio banal, passível de ocorrer em todas as casas. Outras crianças, em todo caso, nasceriam.

As crianças que conseguiam sobreviver participavam da vida comunitária, dos costumes sociais, hábitos, linguagem, jogos, brincadeiras e festas. Aparentemente não havia, no período medieval, assuntos que a criança não pudesse conhecer. Os temas da vida adulta, as alegrias, a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, as comemorações, as indignações e perplexidades eram vivenciadas por toda comunidade, independentemente de faixas etárias. Essas crianças, desde muito cedo, trabalhavam e lutavam por sua sobrevivência e exerciam na sociedade o papel de um pequeno adulto.

Sarmiento e Pinto (*apud* BARBOSA, 2000, p. 101) delimitam conceitualmente criança e infância, diferenciando as duas categorias. Para eles:

Com efeito, **crianças** existiram desde sempre, desde o primeiro **ser humano, e a infância como construção social** – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII. (...) **Infância, como categoria social** que assinala os elementos de homogeneidade deste grupo minoritário, e as crianças, como referentes empíricos cujo conhecimento exige a atenção aos fatores de diferenciação e heterogeneidade, afiguram-se não como uma redundância ou uma sutileza analítica, mas como uma necessidade incontornável na definição de um campo de estudos ou investigação [grifo meu].

Assim, a temática infância, como já mencionado, tem interessado educadores, psicólogos, antropólogos, historiadores e outros, dada a sua abrangência e a realidade política-cultural do mundo contemporâneo, que deseja conhecer a trajetória de desenvolvimento humano e cada vez mais a trajetória da infância em diferentes lugares e contextos.

No Brasil, as concepções de infância igualmente se constroem a partir da constituição da própria sociedade brasileira. Essas representações estão imbricadas pela posição social e econômica ocupada pelas crianças e podem ser apreendidas pelos discursos dos diferentes universos culturais. Kramer (1982) também relata que a idéia moderna de infância apareceu com a sociedade capitalista, quando mudou o papel social e a inserção da criança na sociedade.

Baseada em Áries, Kramer (*op. cit.*) afirma que o sentimento de infância deve ser entendido como “consciência da particularidade infantil” (p. 17), isto é, o que distingue a criança do adulto. Com relação ao sentimento moderno de infância, comunica que há duas atitudes contraditórias a se pensar: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa, a que também podemos chamar de “paparicação”; outra que se contrapõe a ela, que toma a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita de “moralização” e de educação pelo adulto.

Ainda no dizer dessa autora (*idem*, p. 18), na atualidade “o sentimento de infância resulta, pois, numa dupla atitude em relação à criança: preservá-la da corrupção do meio, mantendo sua inocência, e fortalecê-la, desenvolvendo seu caráter e sua razão”. Assim sendo, a criança não é vista como tendo um conjunto de

potencialidades pré-determinadas a serem desenvolvidas, nem como um sujeito a ser controlado, mas um sujeito com determinadas características biológicas, que irá se fazendo homem no decorrer de sua existência.

E assim, à medida que o conceito de infância vai sendo construído, vai surgindo esse sentimento na família e na sociedade, e a criança passa a ocupar outro lugar – deixa de habitar o “universo dos adultos” para *viver* essa infância.

É necessário ressaltar que a criança, para compreender o mundo e descobrir seu papel na sociedade, usa a imaginação, a criatividade, o poder de observação, o brincar, o jogo e também a imitação das muitas situações do cotidiano. Esse mundo mágico, que é o mundo da brincadeira e do faz-de-conta, contribui para que a infância se constitua, conheça a si mesma, aos outros e as relações que perpassam esse universo social.

É nesta perspectiva que me interessa investigar e perceber de que maneira O Museu de Arte de Santa Catarina, pode favorecer e evidenciar a constituição das diferentes infâncias a partir de seu acervo iconográfico.

Infância e direitos

É possível pensar que todas as crianças são iguais? É possível imaginar a infância desvinculada da cultura, da família, da educação? Segundo Barbosa (2000, p. 101), “falar de uma infância universal como unidade pode ser um equívoco [...]. Uma certa universalização é necessária para que se possa refletir sobre ela, sendo importante ter sempre presente que a infância não é singular, nem única. A infância é plural: infâncias”.

Vemos, assim, que a infância está sempre ligada aos significados dados pela sua cultura e sua história. Kennedy (1999, p. 131) afirma que: “a filosofia da infância é ao mesmo tempo enriquecida e dificultada pela descoberta de que a infância tem tido e pode ter diferente significação para crianças e adultos em diferentes culturas e períodos históricos”. O autor diz que “os adultos *constroem* a infância, com base em imagens

culturais predominantes muito arraigadas, combinadas com os resíduos de suas próprias infâncias” (idem, p. 153 – grifo no original).

Walter Benjamin (1994) defende que somos sujeitos da história e compreende a infância como categoria social e cultural. O sujeito infantil, também sujeito lúdico, tem sua constituição e sua significação nas muitas práticas culturais existentes; dessa forma, a infância (a criança-sujeito) é resultado da construção cultural e histórica da e na sociedade em que (con)vive.

O autor, ao falar das crianças, não o faz de forma romântica. Entende-as como sujeitos que estão na história, inseridas numa classe social, como parte da cultura e produzindo cultura. Entende a linguagem como algo fundamental, uma vez que permite que num só sujeito toda cultura e história de uma época apareçam.

Jobim e Souza (2003) argumenta que:

Ao negarmos uma compreensão da criança que a desqualifica como alguém incompleto, quer dizer, alguém que se constitui num *vir-a-ser* distante no futuro, privilegiamos situá-la no espaço em que o tempo se entrecruza entre presente, passado e futuro... a criança não se constitui no amanhã: ela é o hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo (p. 159).

E no Brasil, hoje, qual a concepção de criança? Atualmente no Brasil a concepção de criança como sujeito de direitos está presente na produção de conhecimento acerca da infância e nos processos político-educacionais. A visão da criança como cidadã, merecedora de atenção por parte da família, da sociedade e do Estado, cresce em nosso país desde a década de 80. Na tentativa de garantir o exercício dos direitos culturais a todo cidadão brasileiro, a Constituição Federal de 1988, no Art. 227, estabelece que

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, sancionado em 1990, também menciona a criança cidadã. No Art. 3º define:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais, inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral do que trata essa Lei, assegurando-se-lhes por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental e moral, espiritual e social, em condições e dignidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, também afirma que reconhece a criança como cidadã agora e não no futuro. Ou seja, concebe crianças e adolescentes como sujeitos de direitos e confirma que a educação tem por finalidade o preparo para o exercício pleno da cidadania.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam, em síntese, os rumos para o desenvolvimento de ações educacionais nas diferentes áreas. Ao buscar o termo *infância* nos PCNs de Artes, verifico que aparece uma única vez, no item 2.1. – Aprender e ensinar Arte –, na seguinte frase:

Quando brinca, a criança desenvolve dentro da escola, por situações que antes favorecem a reprodução mecânica de valores impostos, atividades rítmicas, melódicas, fantasia-se de adulto, produz desenhos, danças, inventa histórias. Mas esse lugar da atividade lúdica no início da **infância** é cada vez mais substituído, fora e pela cultura de massas em detrimento da experiência imaginativa (1997, p. 49) [grifo meu].

Kramer (*apud* ARGOLO 2003, p. 64) apresenta claramente sua concepção que pensa a criança como sujeito de direitos, cidadã:

As crianças são sujeitos sociais e históricos marcados pelas contradições da sociedade em que vivemos. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança!). Contra essa concepção que é infantilizadora do ser humano, tenho defendido uma concepção que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – mas entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem.

E fora da escola, o que acontece? Que outros espaços favorecem o brincar e propiciam experiências imaginativas sublinhando aquilo que Kramer (*op. cit.*) chama de

“específico da infância”? Dentre muitos, acredito que os museus, espaços não-formais de educação, sejam privilegiados para educação mais ampla e diversificada; para a diversidade; para o exercício de direitos, cidadania e política – uma vez que são partes de um mesmo jogo; para a constituição das diferentes identidades.

Ainda pensando a criança como sujeito histórico, social e cultural, encontro Leite (2005), que acredita ser possível perceber e “experimentar a relação com o museu como espaço de troca, descoberta, produção de sentido, criação; espaços de memória, de história, de vida” (p. 10). E, por entender que a infância não é apenas um sentimento e que a criança é uma pessoa que vive seus processos, sua história, em muitos tempos e lugares, compreendo que nós, educadores ou não, temos um papel a desempenhar para garantir que todas as crianças tenham uma infância, uma infância que possibilite a ela conhecer e interagir com sua cultura, os espaços formais e não formais de educação, buscando aprender, sonhar, imaginar e criar. É nessa direção e alicerçada nessa concepção de infância e de criança que seguiu a investigação.

O Museu de Arte de Santa Catarina (MASC)

O MASC é uma instituição vinculada à Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e desde 1983 está instalado no prédio do Centro Integrado de Cultura (CIC) "Prof. Henrique da Silva Fontes", na cidade de Florianópolis (SC).

Criado pelo Decreto Estadual nº. 433, de 18 de março de 1949, inicialmente chamou-se Museu de Arte Moderna de Florianópolis (MAMF). Passados alguns anos, “deixou de ser municipal para transformar-se em estadual, passando a chamar-se Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) por decreto nº. 9.150, de 4 de junho de 1970, do governador Ivo Silveira” (**Biografia de um museu**, 2002, p. 25).

Atualmente com acervo de mais de 1.600 obras oriundas de aquisições e doações, o MASC encontra-se instalado numa área de 1.980 m², dispondo de um salão de 1.440 m², incluindo a Sala Especial Harry Laus, climatizada, com 340 m², para realização exposições. Fazem parte do museu os seguintes Núcleos: Direção,

Administrativo, Conservação e Acervo, Exposição e Montagem, Arte-Educação, Pesquisa, Documentação e Biblioteca.

O acervo inicial da instituição conta com peças de artistas modernistas como as de Alfredo Volpi, Djanira Motta e Silva, Iberê Camargo, Portinari, entre outras. A arte catarinense está representada por obras de Martinho de Haro, Hassis, Eli Heil, Vera Sabino, Elke Hering, Guido Heuer, Juarez Machado, entre muitos outros. Quanto à formação do acervo, em pesquisa no *site* do MASC, localizo:

A continuação da formação do acervo se deu, basicamente, por doações particulares e oficiais. A partir de 1985 foi criado um sistema de doações espontâneas por parte dos artistas que expunham no Museu. Isso lhe confere grande importância regional. Mas também é um acervo representativo de artistas nacionais e estrangeiros.

O público tem acesso ao Museu através das exposições e mostras temporárias, oficinas de artes, biblioteca, programas de visitação monitorada, publicações e assessoria técnica. Também conta com apoio do Conselho Consultivo e Associação Amigos do Museu de Arte de Santa Catarina (AAMASC), que propicia condições de incremento à realização das atividades culturais.

O Núcleo de Arte-Educação (NAE) realiza gratuitamente atendimento a professores e/ou grupos de pessoas, de qualquer idade, através de visitas monitoradas à exposição, priorizando o atendimento para as escolas. O NAE faz a mediação entre as obras e o público, estimulando o processo de compreensão da arte. Atende nos períodos matutino, vespertino e noturno, com duração da visita, previamente agendada, de aproximadamente 1 hora e 30 minutos. O MASC é hoje o órgão oficial das artes plásticas no Estado de Santa Catarina. Mas de que forma o acervo desse museu contribui para a educação?

A Proposta Curricular de Santa Catarina privilegia os aspectos culturais, considerando as artes em todas as suas formas de expressão. A inclusão da disciplina Arte na educação básica, pela LDB 9.394/96, reforça a necessidade de pensar a questão mais amplamente. Talvez seja importante pensar/capacitar os profissionais da área para

atuarem também como mediadores do processo, ou seja, atuarem no sentido de construir conhecimentos, mas também desenvolver a capacidade de apreciação estética e crítica.

Oferecer a oportunidade de realizar a leitura de obras de Arte, visitas a exposições, museus, bibliotecas, assistir peças teatrais etc. introduzem as crianças em outras formas de linguagem plástica, musical e visual, que irão possibilitando a compreensão das mais diferentes formas de expressão, constituindo sua identidade e a história de cada grupo. (...) a criança organiza o seu pensamento através de vivências simbólicas, elaborando o seu real (SANTA CATARINA, 1998, p. 30).

Essa elaboração do real pode também ter relação com a arte e, como venho conferindo, Arte é um dos conceitos mais amplos da linguagem moderna. Em seu significado mais geral, “arte significa filosoficamente, todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer” (ABBAGNANO, 1998, p. 81).

A arte mobiliza olhares, expõe ao olhar o desconhecimento, fazendo um convite ao pensamento. Com a arte abrem-se espaços pedindo um comportamento perceptivo, um olhar descontraído, a liberdade de pensamento e da imaginação.

Imaginar uma educação do olhar passa pela educação como um todo e não apenas pelos espaços formais de educação. Kramer (2003, p. 24) nos ensina a dialética dessa questão: “Educação não é ciência, mas prática social [...] posso dizer, ainda, que, embora ela se beneficie da produção das ciências humanas e sociais, **a educação não exclui as dimensões ética e estética**” [grifo meu].

É ainda Kramer (2003, p. 87) quem afirma: “Imaginação. Fantasia. Descoberta. Sonho. É isso o que se apresenta em qualquer atividade ou experiência humana que não se limita a reproduzir fatos ou impressões vividas, mas que as combina produzindo novos objetos, novas imagens, novas ações”.

Trago a contribuição de Matos (1993) para a questão. A autora afirma que há uma dimensão estética no mundo da arte:

O mundo da arte é o de um princípio de realidade diferente, o da alteridade; e é por sua alteridade que a arte preenche uma função cognitiva; comunica

verdades que não são comunicáveis em nenhuma outra linguagem, ela contradiz. A arte possui um tónus revolucionário especial: não pode mudar a sociedade mas é capaz de transformar a consciência daqueles que modificam o mundo. Isso porque indica um “princípio de realidade” incompatível com a coerção política e psíquica (p. 110).

As obras e objetos (musealizados ou não) historicamente vêm cumprindo as mais diversas funções: ideológica, educativa, social, expressiva, cognoscitiva e outras mais – procurando ampliar e enriquecer a relação estética do homem com a realidade. Por meio da arte, o homem expressa-se, afirma-se. Portanto, a arte satisfaz a necessidade humana de expressão, de interação com a realidade. Satisfaz essa necessidade quando produz artisticamente ou quando tem acesso a essa produção nos mais diversos espaços e linguagens seja no cinema, na literatura, nas artes plásticas, na música ou outras linguagens, onde a criança vem sendo representada infinitamente e com diferentes enfoques.

Que produções artísticas em artes plásticas representam a criança e/ou infância? Como a criança vem sendo vista e apresentada nessas produções ou obras de arte? Acredito que, na pintura, Portinari foi um dos artistas brasileiros que se esmerou e deixou um registro inigualável da representação infantil em suas obras.

Talvez seja mesmo como disse Portinari (*apud* BARBOSA, 2005, p. 165), “a paisagem onde a gente brincou pela primeira vez não sai mais da gente”. Diversos artistas dedicam a vida ao registro da cultura de seu povo e de seu país, mas é Cândido Portinari, hoje com tantas obras musealizadas e reconhecidas, que me inspira a olhar a infância representada nos espaços museais de Santa Catarina. Esse grande artista, que jamais conseguiu se desvencilhar de suas memórias da infância, de sua identidade brodosquiense, representou com toda arte profundas marcas da sua infância em “Crianças brincando”, “Menino plantando bananeira”, “Futebol”, “Festa de São João”, entre as tantas outras obras nas quais podemos perceber a influência dos registros/memórias de sua infância. Portinari, conforme Barbosa (2005, p. 165), era um “menino de infância pobre que trabalhava como auxiliar de pintura em igrejas e também na elaboração de potes de barro pintado

para ajudar na sobrevivência da família”, que convivia com adultos e crianças reunindo experiências de vida e da infância.

De que infância estou falando? Que infâncias estão, nessas diversas obras, representadas? Como compreendê-las? Que significação nos apresentam? Histórias pessoais, afeto, valores e emoções? Conhecer e adentrar essas obras também é demorar-se no envolvimento com elas.

Martins, ao referir-se a arte assim escreve:

A verdade é que a arte não envelhece porque o ser humano que a contempla é sempre novo, ou terá um olhar outro e estará realizando uma infinidade de leitura porque infinita é a capacidade do homem de perceber, sentir, pensar, imaginar, emocionar-se e construir significações diante das formas artísticas. Nesse sentido, a obra de arte, mesmo tendo data e procedência, transcende o tempo e transpõe fronteiras, por isso é patrimônio cultural da humanidade (MARTINS, 1998, p. 61).

A infância nas obras do MASC

**Na tela brasileira
Brasil-menino
planta bananeira,
brinca com carneiro,
joga capoeira,
levanta a poeira,
ginga as cadeiras,
é todo brincadeira...
Pintor de memórias,
o artista registra,
desenha a história
da criança brasileira
na alegria brejeira
da primeira idade,
mensageira da liberdade...
Corrida com bastão,
corrida de sacos,
corrida de obstáculos,
corrida de sapatos...
Caça ladrão,
caça bandeira
dança das cadeiras,
bolinha de sabão,
bola, pipa, pião
e tudo mais,
a perder de vista,
onde a mão do artista**

ilumina a paisagem
da infância brasileira
em matizes e passagens
do Brasil-menino
e seu moleque destino!

Fátima Miguez

Este estudo se deu a partir da análise da obra *Biografia de um Museu*, editado pela Fundação Catarinense de Cultura no ano de 2002. Nela constam 1.466 obras do acervo dessa instituição museal.

Com relação aos critérios para a seleção das obras, foram destacadas as imagens que claramente evidenciam a criança (como exemplo, *Cabeça de Niña*, tomo 217 – Figura 23), ou pelos títulos das obras (por exemplo, *Menina com gato no colo*, tomo 877 – Figura 29 e *Crianças brincando*, tomo 448 – Figura 42); obras que explicitam a presença de crianças/infância (incluindo *Estamos grávidas*, tomo 1.335 – Figura 5 e *Anjo*, tomo 1.281 – Figura 28); imagens ou objetos que remetem ao universo infantil (por exemplo, *Parque de diversões*, tomo 002 – Figura 40); e também brinquedos, brincadeiras como as obras (*El cabalito de madeira*, tomo 136 – Figura 1 e *Empinando papagaio*, tomo 114 – Figura 25). Por último selecionei obras com elementos circenses, como (*Tony*, tomo 200 – Figura 34 e *Payaso*, tomo 212 – Figura 38). Ficaram excluídas as obras cujas imagens ou títulos que não explicitem a criança ou a infância, incluindo aquelas com os títulos incluindo as palavras *moça*, *jovem* ou *jovens*.

O grau de subjetividade neste trabalho é muito particular, uma vez que foram meu olhar e minha interpretação sobre as obras que conduziram a escolha, apenas com o norte dos critérios acima citados. Vale ressaltar a dificuldade de empreender essa busca. Primeiramente, porque as imagens no catálogo estão em preto e branco, medindo aproximadamente 2 cm x 3 cm; e também porque algumas delas remetem a dúvidas na própria identificação das imagens – seriam crianças, ou jovens? Mesmo com inúmeros dados catalográficos – ano, autor, técnica, dimensões, origem, número do tomo –, o fato de algumas obras não possuírem título também dificultou sua identificação.

Nesse acervo, localizo inclusive uma obra de Portinari que, porém não remete a infância/criança, pois se trata da obra *Do sonho de Brás Cubas*, doado ao

MASC por Jorge Lacerda. A investigação empreendida aponta que, das peças do acervo registradas no catálogo analisado, 49 delas representam a criança e/ou nos remetem ao universo infantil. Logo, tenho a indicação da representação da infância nesse espaço museológico num percentual de 3,34% do total do acervo publicado nessa edição.

Outro dado que fica evidenciado ao fazer esta pesquisa é com relação à forma de entrada do acervo no museu. Das 49 peças por mim selecionadas, 39 chegaram ao museu como doação (16 peças como doação direta dos artistas; 12 foram doadas pelo Presidente do México; quatro pelo Presidente da Argentina; uma peça é doação do Governador do Estado de Santa Catarina; outras duas são doações do Governador do Estado de São Paulo e, ainda, quatro peças foram doadas por particulares). Somente 10 peças entraram no acervo pela via da aquisição. Dessa forma, penso ser importante interrogar sobre a política de aquisição de acervo no MASC – qual é o critério? Autor? Estilo? Época? Técnica? O tema teria entrado como critério? As obras adquiridas são: Menino Jesus (tombo 390); Duas figuras (tombo 337); Morro (tombo 097); Nossa Senhora dos Navegantes (tombo 300); A comungante (tombo 346); Anjo (tombo 378); Anjo da guarda (tombo 434); Crianças brincando (tombo 448); Cabrinha (tombo 095) e a obra O índio entra na história (tombo 321). Dessas, sete são obras de artistas catarinenses – Hassis, Eduardo Dias, Rodrigo de Haro, Max Moura, Graziela Peixoto dos Reis, Aloísio Carlos Silveira de Souza e Pedro Paulo Vecchietti. É possível que esse seja um dos critérios para aquisição – ser artista catarinense.

Ao pesquisar sobre as 16 obras doadas ao MASC pelos artistas, identifico que seis delas são de artistas de nacionalidade estrangeira (Argentina, Bulgária, Tchecoslováquia, Polônia e Uruguai) e 10 de brasileiros, dentre os quais, três catarinenses: Boi de Mamão (tombo 703), de Tércio da Gama, e a obra Sem título (tombo 683), da artista Maria Haberbeck Modesto, ambos de Florianópolis; e Metamorfose – Arte na passagem do milênio (tombo 1.321), de autoria de Sônia Regina Zanette, da cidade de Urussanga. As demais oito obras são de artistas de outros estados brasileiros. Será a infância uma temática recorrente entre os artistas que doaram essas obras?

Presidentes, como autoridades em seus países, costumam presentear os lugares visitados com obras que representem positivamente sua nação. Por que doar imagens da infância de seu país? Isso sugeriria que a representação da infância evidencie a identidade cultural daquela nação? Ou as imagens de crianças ainda carregam consigo uma dimensão romântica de promessa de futuro e, portanto, de desenvolvimento?

Esta análise apenas traz questões, abre portas, ancora inquietações... e esse era seu objetivo. Em visitas de estudo a esse museu, tive acesso a todos os ambientes, muitos materiais e obras de arte que se constituem como grande e rico acervo para fruição e pesquisa. Todavia, a grande maioria do acervo do MASC está na reserva técnica e periodicamente são expostos conjuntos de obras a partir de curadorias para esse fim. No entanto, uma exposição sobre a infância até o momento não foi para a sala de exposições, porém vem sendo pensada junto à equipe do NAE. Sabemos que as obras nas salas de reserva técnica ficam sem visibilidade alguma. É no contato com o olhar do visitante que o diálogo se torna possível. Os objetos, sejam eles brinquedos artesanais ou quadros de artistas renomados, precisam estar fora das caixas da reserva técnica. Essa poética que reside nos objetos (do cotidiano ou não) precisam de empatia com o público para virem a ser aliadas ao processo educacional e favorecer as muitas dimensões do processo educativo do museu. Para isso é necessária a compreensão da política institucional e adequação às políticas traçadas no Sistema Estadual e Nacional de Museus que estão em evidência e abertos pensando políticas públicas de acesso e modernização dos museus.

Diante disso, retomo a pergunta central que moveu esta pesquisa: de que maneira os museus podem favorecer a constituição das diferentes infâncias? Para mim fica evidente que o cenário cultural pesquisado, com mais de meio século de existência, representa a infância de diferentes tempos e espaços com vasta iconografia. Destaco abaixo três imagens da representação da infância encontradas no acervo do MASC: Representação Religiosa (Figura 1); Nas brincadeiras (Figura 2); Étnica (Figura 3).

Posso afirmar: Esse museu existe, luta para cumprir suas funções, para atualizar os espaços, dar visibilidade, provocar o público para pensar a arte, a infância e a cultura.

Figura 1 - A COMUNGANTE – 1965
Haro, Rodrigo Antonio de – 1939 (Paris, França) Tombo 346 – aquisição



FONTE: Coleção Museu de Arte de Santa Catarina e UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Museu de Arte de Santa Catarina. Biografia de um museu. Nancy Therezinha Bortolin (org.). Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: FCC, 2002, p. 124.

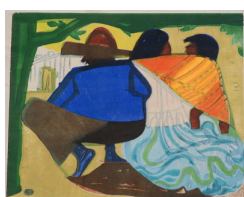
Figura 2 - CRIANÇAS BRINCANDO – 1972
SOUZA, Aloísio Carlos Silveira de (Florianópolis, SC, 1936) Tombo 448 aquisição
Governo do Estado de Santa Catarina



FONTE: Coleção Museu de Arte de Santa Catarina e UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Museu de Arte de Santa

Catarina. Biografia de um museu. Nancy Therezinha Bortolin (org.). Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: FCC, 2002, p. 187.

**Figura 3 - FAMÍLIA NORTEÑA – s.d.
DOHME, Guillermo Enrique – Argentina, 1910 Tombo 198
doação Presidente da Argentina Arturo Frondizi**



FONTE: Coleção Museu de Arte de Santa Catarina e UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Museu de Arte de Santa Catarina. Biografia de um museu. Nancy Therezinha Bortolin (org.). Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: FCC, 2002, p. 106.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARGOLO, Gabriela Salles. **Mediações transformadoras: lugares e saberes do encontro com a obra-de-arte**. 2003. 75f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). PUC/Psicologia da Educação, São Paulo.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1981.

BARBOSA, Maria Carmem. Fragmentos sobre a rotinização da infância. In: **Educação & Realidade**, v. 25, n. 1. dez/jul. 2000. Os nomes da Infância. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (p. 93-113).

_____. Refletindo sobre a infância no Brasil através de sons, textos e imagens. In **Reflexão e Ação**. Rio Grande do Sul/ Santa Cruz do Sul: Edunisc, v. 13, n 1, jan_jun. 2005 (p. 151 – 171).

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO FEDERAL (1988)**: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política nacional de museus: relatório de gestão 2003 – 2006**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. Brasília: MinC/IPHAN/DEMU, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 3/5/2006.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: Lições americanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COLI, Jorge. Como estudar a arte brasileira do século XIX? Disponível em: <http://www.coresprimarias.com.br/ed_4/jorge_p.php>. Acesso em: 9/2/2007.

_____. **O que é arte?** 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

ESTATUTO da criança e do adolescente. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 20/8/2006.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 7. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

KENNEDY, David. As raízes do estudo da infância: história social, arte e religião. In: KOHAN, Walter Omar; KENNEDY, David (orgs.). **Filosofia e infância: possibilidades de um encontro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

_____. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LEITE, Maria Isabel. Museus de Arte: espaço de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papyrus, 2005. p. 19 - 54.

68, p. 74-85, 2006.

MARTINS, Miriam Celeste *et al.* **Didática do Ensino da Arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 1998.

MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MIGUEZ, Fátima. Brasil-menino. São Paulo: DCL, 2005.

MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. In: <http://www.masc.org.br>. Acesso em 14/2/2007.

OSTETTO, Luciana E. De luzes e de vôos: em busca da beleza para ser humano. In: Leite, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papyrus, 2005. p. 143-152.

SANTA CATARINA. Secretaria do Estado, da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS DE SANTA CATARINA. Fundação Catarinense de Cultura. Disponível em: <http://www.fcc.sc.gov.br/museus/regiaosul.htm>. Acesso em 14/2/2005.

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Museu de Arte de Santa Catarina**. Biografia de um museu. Nancy Therezinha Bortolin (org.). Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: FCC, 2002.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Turismo e Museus**. São Paulo: Aleph, 2006.